7. Tecendo redes poéticas, “linhavando” identidades ribeirinhas considerações provisórias

Nerivaldo Alves Araújo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ARAÚJO, N.A. Tecendo redes poéticas, “linhavando” identidades ribeirinhas: considerações provisórias. In: *Poética oral do samba de roda das margens do Velho Chico* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 219-226. ISBN: 978-85-232-2031-0.
<https://doi.org/10.7476/9788523220310.0008>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

7

Tecendo redes poéticas, “linhavando” identidades ribeirinhas: considerações provisórias

Em águas embamurradas por diversas culturas, as redes da poética oral ribeirinha são lançadas fazendo emergir identidades que se constroem a partir de vários vieses. Assim, na cadência dessas águas, vai sendo pespontado um retrato de um povo e de suas práticas, costumes, ideologias, crenças, fé. Todos esses aspectos compõem uma identidade múltipla, e esse retrato revela uma cultura de diversas faces, rica e pluralizada pela riqueza cultural que navega nas águas de uma lírica que se torna singular a partir de uma pluralidade de marcas culturais.

No decorrer da viagem pela cultura das margens do Velho Chico, em que a poética oral do samba de roda do grupo “É na pisada ê” foi tomada como elemento de estudo e de observação mais detalhada, tornou-se possível justificar as ideias lançadas previamente neste texto, sob a forma de hipóteses, especialmente em sua introdução. Toda uma confluência de conceitos teóricos a respeito de identidades, memórias, tradições, poesia, *performance*, dentre outros, pôde ser confrontada com elementos que compõem a poética oral do grupo estudado, tais como as rodas de samba com as suas cantigas, danças e representações.

Nesse confronto, procurou-se demonstrar que as considerações teóricas trazidas se aglutinam com as práticas representativas da cultura ribeirinha, em especial, no que concerne ao gênero da poesia oral. Isso quer dizer que, quando se procurou apresentar determinados conceitos teóricos, procurou-se estabelecer uma relação com as práticas, com exemplos extraídos de tais manifestações poéticas, gerando assim uma complementação mútua entre teoria e exemplos.

Pode-se afirmar que as considerações prévias lançadas de modo hipotético são, no corpo desta obra, corroboradas por uma análise minuciosa dos diversos elementos que compõem a poética oral ribeirinha. Nesse ínterim, os elementos principais que constituem essa manifestação da poesia oral, cujo samba de roda

ocupa o centro das análises, servem para demonstrar o quão importante se torna esse tipo de manifestação cultural para a manutenção das tradições.

Após o estudo e acompanhamento das práticas culturais dos povos das margens do Velho Chico, sendo que a poética oral do samba de roda fez-se objeto mais relevante e analisado, conclui-se que a poética oral do grupo estudado reflete, de modo autêntico e fiel, a vida, a mentalidade, as ideologias, os valores e as crenças desses povos.

Através dessa poética oral, pôde-se conhecer um pouco de sua lida diária, seus costumes e práticas cotidianas, visto que, nas letras das cantigas, a realidade ribeirinha aparece cantada em versos. Na correnteza da pesquisa, sem abandonar o barco do rigor científico, o pesquisador alumbrou-se com uma realidade, onde o rio, a natureza com suas plantas e seus animais se confundem com o próprio homem ribeirinho, cuja existência se constrói a partir de todo o seu redor.

A natureza é retratada minuciosamente, de modo colorido e marcante pelas cantigas, pois, nelas, pássaros, peixes e outros animais passeiam pelas águas ou margens de um rio de tradições, memórias e histórias. Sem a natureza, sem o rio, o ribeirinho não consegue existir por completo, inclusive a sua cultura. Para essas sambadeiras e sambadores da margem do Velho Chico, é “[...] a natureza que alimenta e da qual dependem inexoravelmente, da qual se espera tudo, pois não se é nada sem ela [...]”. (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982, p. 179) Como já foi apresentado em outras partes, comprova-se que diversas cantigas reforçam essa relação com a natureza e seus elementos.

A tecedura do samba de roda como manifestação cultural permite que seja espontâneo, em suas cantigas, um retrato de um povo cuja identidade se constrói a partir da interação com o meio em que vive. Nele, esse povo aparece, em seu dia a dia, sempre ligado: ao trabalho com a terra, através de pequenas atividades agrícolas de subsistência; ao rio, utilizado para a pesca, o transporte e outras atividades diárias; e ainda aos animais, aliados na labuta cotidiana, essenciais à sua sobrevivência em realidades muitas vezes hostis, visto que a região é castigada por secas frequentes.

Através da poesia do samba de roda, também são retratadas as suas distrações e atividades festivas. Em suas cantigas, pode-se também conhecer um pouco das festas e demais celebrações. Nelas, as festas de São João, as reuniões

comemorativas após as boas pescarias, colheitas, além dos casamentos, dentre outras, são cantadas nas rodas de samba.

Sendo assim, é possível também concluir que a poética oral ribeirinha, através de seu samba de roda, demonstra a força das crenças, o sentido profundo das religiões, da fé que move o povo das margens do Velho Chico. Em diversas cantigas, a religiosidade católica se presentifica por meio de evocações e referências a Deus, a Jesus Cristo, à Nossa Senhora e outros santos.

Portanto, convém ressaltar, no encerramento provisório deste estudo, que a poética oral do samba de roda das margens do Velho Chico, por meio de suas cantigas, ritmos e das *performances* das sambadeiras e sambadores, contribui para a continuidade e o fortalecimento das tradições locais. Sendo assim, esses elementos permanecem vivos na memória coletiva, e a poética oral ribeirinha, aqui representada pelo samba de roda, emerge-se cada vez mais, desloca-se das margens do desmerecimento para navegar em busca de um centro – rio aberto, de infinitas possibilidades – que possa reconhecê-la, valorizá-la, torná-la cada vez mais abundante, rica e fértil.

Tornou-se possível também chegar à conclusão de que a poética oral do samba de roda é constituída de diversos componentes oriundos das várias matrizes formadoras da cultura nacional. Como ocorre com a história do surgimento e consolidação do samba de roda no âmbito nacional, o samba do grupo “É na pisada ê” traz, em sua poesia, muitas vezes sem muitas possibilidades de distinção, elementos, características e temas da cultura portuguesa, como também dos povos ameríndios e dos afrodescendentes.

Toda essa multiplicidade de aspectos característicos e temáticos aparecem nas composições poéticas e nas suas práticas representativas de modo tão entrelaçado que, mesmo se amparando em estudos teóricos e históricos, torna-se difícil discernir a qual matriz pertence uma ou outra marca, visto que, como se observa na maioria dos estudos sobre a cultura popular brasileira – neste caso específico, da poética do samba de roda –, há uma série de divergências entre estudiosos e suas correntes quando se trata de origem e características de determinados elementos das práticas culturais, mais ainda, no caso daquelas de modalidade oral.

Pode-se ainda arrematar que, em relação ao samba de roda, por exemplo, muitas vezes a mesma característica ou componente aparece trazido como de influência africana para certos estudiosos, sendo que, para outros, é considera-

do como de inspiração na cultura indígena ou mesmo do colonizador português. Na obra *Samba e identidade nacional: das origens à era Vargas*, Siqueira (2012) apresenta versões diferentes para a origem do termo “samba” e da própria dança, em que alguns autores defendem a influência dos povos afrodescendentes e outros relacionam com os povos indígenas. Há situações contestatórias entre uma corrente e outra.

Por conseguinte, percebeu-se uma série de teorias e exemplos diversos a respeito do samba e seu surgimento, inclusive quando se tratava da relação com o vocábulo, com a música, o tema, a *performance* e demais características. Tal diversidade de posicionamentos históricos e teóricos, gerou, portanto, em certos momentos da escrita deste texto, uma escolha de ponto de vista, em que se buscou assumir posições que mais se aproximavam da história e dos elementos característicos desse grupo de samba de roda estudado.

Optou-se assim por trazer, neste estudo, o samba como oriundo de *semba* (umbigada), palavra de origem africana que representa dança de roda, pois a história do grupo direciona para a descendência da maioria de seus integrantes, de negros escravizados, muitas vezes, misturados ao índio e ao português e ainda pelo fato de se destacarem alguns elementos atribuídos à cultura negra, a exemplo do passo característico do samba denominado “miudinho”, chamado pelo grupo de “pisadinha”, e da umbigada, tão presente durante a roda de samba do grupo.

Diante de toda essa multiplicidade de influências que forma a poética oral das margens do Velho Chico, pode-se apontar também, nestas considerações provisórias, que o samba de roda, assim como outras expressões da cultura popular, passam a agir como instrumentos de fortalecimento de um povo que se utiliza de estratégias como essas práticas para que se mantenham fortes, fazendo sobreviver as suas tradições mesmo em ambientes adversos. Suas manifestações culturais são, pois, atos políticos, compostos de escolhas, intenções e posicionamentos ideológicos. Em suas cantigas nas rodas de samba, opiniões são formadas, a consciência e o conhecimento de si dentro de uma coletividade se fortalecem no grupo, podendo ecoar além das margens do desmerecimento.

Sendo assim, na poesia do samba de roda “É na pisada ê”, há tudo aquilo que ainda se faz útil e necessário à sobrevivência do grupo e de suas tradições, embora, muitas vezes, alguns silenciamentos sejam utilizados como estratégias

para que se possa manter viva a chama da tradição popular, sem causar danos ou perdas às práticas de um povo.

A poética oral ribeirinha é, então, uma forma de resistir, de manter as tradições culturais, sendo que, muitas vezes, tem sofrido desmerecimento, sendo considerada como prática inferior e perseguida pelo etnocentrismo cristão do processo colonizatório. Mas a memória, nesse caso, manteve-se dentro do grupo social, e a comunidade poética tornou-se *perene*, fortalecendo-se cada vez mais, através das práticas frequentes.

Nos versos das cantigas, a tradição navega em águas que têm se tornado menos desfavoráveis, e o grupo vem, a cada dia, desenvolvendo um samba, cuja cadência consonante com sua história e memória tece identidades diversas e conscientes de sua força e papel dentro de seu meio. Tais identidades, muitas vezes, podem até ser negadas para emergir adiante, mais fortes em outros tempos e contextos.

Pode-se arrematar a ideia de que as práticas tradicionais oriundas da cultura portuguesa, representando a gama ideológica eurocêntrica, juntamente com as dos povos indígenas e afrodescendentes, vem dar voz e corpo ao samba do grupo, diversas vezes de modo tão arraigado, que dificulta discernir, em alguns momentos, de qual veia cultural é oriunda. Talvez isso ocorra pelo fato de essas contribuições culturais já não serem das etnias formadoras de nossa cultura, tão estremes dentro de suas histórias.

A presença de determinados elementos da cultura afrodescendente, no entanto, tem se destacado muitas vezes, como é o caso da *pisadinha* ou *miudinho*, da *umbigada* e outras marcas consideradas aqui como advindas desse fio cultural, demonstrando a resistência de uma cultura cujas forças de silenciamento e negação têm imperado por toda a sua história dentro da sociedade brasileira.

Por isso, é possível ainda concluir que, no processo de tecitura das identidades dos povos aqui estudados, o samba de roda e sua poesia, por meio de suas cantigas, ritmos e danças, têm um papel preponderante para o fortalecimento de práticas tradicionais fundamentais para a própria sobrevivência de uma comunidade que, por toda a sua história, vem utilizando-se de estratégias e reinvenções para manter acesa a chama de uma memória. Como se procurou demonstrar, pode-se delinear, como em *pespontos*, um retrato de uma cultura plural e diversificada que soube, de acordo com suas intenções e contextos, lidar com as adversidades, reinventar-se para existir cada vez mais fortes.

Vê-se, portanto, um povo forte, lutador, o qual não se deixa abater pelas intempéries do tempo e da história, que poetiza a sua própria dor e tristeza, transformando-as em versos, ritmos e danças. É uma poesia de comemorações, de narrativas cotidianas e de lamentos, mas, acima de tudo, de resistência, visto que, dentro desse universo poético, o negro e suas práticas se destacam como forma de luta e de aceitação na sociedade, muitas vezes, até por si próprio.

A poética oral do grupo “É na pisada ê” tem, em seu samba, uma maneira de se retratar para o mundo, o que vem proporcionando uma maior aceitação das identidades e práticas de sua comunidade poética, a qual traz, em sua formação, inclusive fenotípica, a marca da afrodescendência. O samba vem, assim, fortalecendo essas identidades, fazendo que, cada vez mais, essas sambadeiras e sambadores se assumam como negros e tenham orgulho de sua cultura e, em especial, de fazer parte desse grupo de samba de roda.

As composições poéticas do grupo apresentam características, elementos estruturais e temáticos semelhantes à poesia oral de até mesmo antes da Idade Média, e as mulheres, conforme se pode também consumir, exerceram – e ainda vêm exercendo, como no caso desse grupo – uma considerável influência na sua criação, divulgação e permanência até os dias de hoje, em gêneros como esse em foco.

Sendo assim, é chegada a hora de desembarcar, pelo menos provisoriamente, desta viagem pelas águas poéticas das margens do Velho Chico, na qual se procurou navegar rumo a um porto em que se possa afastar das margens da subalternidade, da discriminação, para se tornar uma poética oral reconhecida, cada vez mais integrada e respeitada – numa posição de centro, como num rio aberto, caudaloso, forte – frente ao quadro de manifestações da cultura popular brasileira. Isso porque existe uma rede cultural que se relaciona por uma boa parte do território brasileiro, transpondo as distâncias e até o tempo, fazendo que diversas características, temas e demais elementos dessa poética oral em estudo possam ser encontrados com muita semelhança em outros lugares do país, como é o caso da dança da piranha, a qual, além de encontrada na região de Xique-Xique, aparece, embora com variações, em todo o Brasil Central.

Dessa forma, navegar pelas águas da poética oral ribeirinha, aqui representada pelo samba de roda do grupo “É na pisada ê”, possibilitou ao navegante adentrar no espaço de uma cultura forte e resistente, de uma comunidade poética composta de sambadeiras e sambadores que fazem das vozes de suas cantigas

e da força de suas “pisadinhas”, instrumentos de orgulho e fortalecimento de suas tradições.

Após o desembarque dessa viagem, resta uma despedida breve, um aceno ao Velho Chico com suas águas embamburradas por uma pluralidade de tradições e de memórias que seguem, de modo perene, o seu curso, o seu destino rumo à continuidade e perpetuação. É uma despedida breve, porque quem o conhece não consegue afastar-se por muito tempo de suas histórias, sua poesia, seus cantos e encantos.

Neste provisório aportamento (ávido por novas viagens), vê-se que as identidades das sambadeiras e sambadores ribeirinhos passam a ser tecidas a partir de uma rede de interações estabelecidas entre os diversos fios de outras culturas, outros elementos que fazem parte da coletividade, cuja trama se corporifica de modo perene, através de uma memória que se consolida numa perspectiva de diversidades, movência e liquidez, estabelecendo, como versa Ricoeur (2007), uma união entre o passado, o presente e o futuro, ainda gerindo a própria passagem do tempo, como também o modo de se posicionar de um povo (neste caso, os ribeirinhos das margens do Velho Chico) em relação à sua cultura e às suas tradições.

Assim como as suas redes de pesca, as identidades desses povos – neste caso, representados por negros, sertanejos, ribeirinhos e mulheres em especial – são “linhavadas” no cotidiano, ponto a ponto, utilizando-se os fios de uma memória que navega pelas águas de uma tradição, a qual, muitas vezes, reinventa-se para servir ao seu povo, à sua gente, ao seu tempo. Tanto a expressão “linhavar”, como aparece na cantiga, quanto “alinhavar”, maneira que aparece escrita nos dicionários, têm o mesmo significado de ajustar ou coser provisoriamente, com pontos largos, assim como se faz, nas margens do Velho Chico, com as redes de pesca ao tecer a linha de uma forma específica.

Dessa maneira, conclui-se que as identidades ribeirinhas não podem ser tecidas definitivamente, mas “linhavadas” de modo temporário, pois tudo pode mudar e, a depender das circunstâncias e influências do meio sociocultural, o indivíduo ribeirinho pode desfazer o “alinhavo” de antes e assumir uma outra identidade. Essa expressão (linhavar/linhava) acabou adequando-se tão bem a estas conclusões sobre a tecedura identitária dos povos das margens do Velho Chico, cujas identidades encontram-se em estado de alinhavo. Dessa forma, po-

de-se justificar a presença da expressão “linhavando identidades ribeirinhas” no título deste capítulo final.

E assim, cantando e tecendo tão sabiamente as suas redes de pesca nas margens do rio, as sambadeiras e sambadores também seguem cantando e “linhavando” as suas identidades, através da poesia de seu samba, numa espécie de roda sem fim, cuja linha da tradição é “linhavada” a todo o tempo, para que as memórias não se percam:

Ô linha, linhava ô
Eu também sei linhar, ô linhava
Ô linha, linhava ô
Eu também sei linhar, ô linhava

Ô linha, linhava ô...